

A urgência de uma nova esquerda

Adam Schaff

Filósofo polonês, autor, dentre outros de *História e Verdade e A Sociedade Informática*

Qual é a origem do problema da nova esquerda e como se compreende este conceito? Toda esta questão depende de qual seja o resultado de tendências sociais que, até certo ponto, são contraditórias.

Traduzido de *Utopias* (Madrid, nº 162, out/dez. 1994) por Edsel Q. Brito

Muito tem se falado, sobre o surgimento de uma nova esquerda e da sua necessidade. Porém, tenho que admitir que, mesmo não sendo um dos seus seguidores mais antigos, encontro uma certa e irritante ambigüidade neste postulado e entendo perfeitamente bem o ceticismo mostrado por muitos. A razão disso é que estamos tratando este postulado com uma certa dose de "variedade", para usar uma expressão popular. Além do mais, nada se viu até agora desta "nova esquerda" e, o que é pior, os que falam dela não têm descrito concretamente o que pensam e de que maneira a diferenciarão da que irão substituir. Sem algum tipo de concepção sobre este argumento é impossível criar uma nova formação que, como resultado, não caia no terreno das palavras de significado confuso e incerto. E isto é algo que como já disse, poderia produzir uma forte irritação nas pessoas que buscam algo de concreto. Vamos experimentar, então esclarecer este assunto.

Qual é a origem do problema da nova esquerda e como se compreende este conceito? Toda esta questão depende de qual seja o resultado de tendências sociais que, até certo ponto, são contraditórias. Há um lado que diz que, a nova revolução industrial nos leva, inevitável e espontaneamente, a uma grande mutação da civilização – isto é um truque semântico para não incomodar os que têm "alergia" à palavra **revolução**. Tenho escrito muito sobre essa matéria, e gostaria que me desculpassem por justificar novamente esta tese, remetendo o leitor, que pretenda conhecer mais sobre esta questão, ao livro de minha autoria *Meu século vinte*. Partindo deste ponto e das conclusões da argumentação anterior, tem-se que dizer que elas proclamam a inevitabilidade da vitória do novo socialismo – ou se

preferir, do pós-capitalismo – o que pode parecer chocante, num período de propaganda triunfalista, dirigido pelos oponentes do socialismo que proclamam sua derrocada. Porém estes são meros resultados de um pensamento caprichoso e a realidade é diferente. O que importa, não é só a declaração de que o trabalho, no significado tradicional da palavra, tem que extinguir-se lentamente devido a uma robotização progressiva e que, como consequência, aparecerá um desemprego estrutural massivo – um processo que se impõe, de forma clara, inclusive para aqueles que não estão familiarizados com a questão. Este fato implica transformações dentro da estrutura social, as quais, como resultado, demandarão uma nova divisão do produto social e a criação de uma economia que, em certo sentido, será coletivista. Por sua vez, nos depararemos com um crescimento espontâneo de elementos de socialismo – palavra esta que é preciso restringir – no atual modo de produção da sociedade. Ao mesmo tempo, seja-nos permitido acrescentar – utilizando a terminologia marxista, conveniente neste ponto – que a superestrutura desta sociedade não se desenvolverá de uma forma clara, já que o seu desenvolvimento depende totalmente de uma série de fatores que determinam a atividade humana. Considerando que já conhecemos a deformação comunofacista do socialismo no passado, está claro que esta atividade não é indiferente; o que se julga muito importante, é a formação da superestrutura, concebida como adequada e desejável pelos participantes desta atividade, centrada no desenvolvimento espontâneo da base de produção da sociedade.

Este elemento introduz em nosso arrazoado a questão das forças sociais capazes de realizar esta ta-

refa e, numa outra perspectiva, o problema da tendência secundária do desenvolvimento, que foi citado acima – a crise daquelas forças. Tenhamos em conta, obviamente, uma crise mundial das duas variáveis da esquerda, a comunista e a socialista ou social democracia.

A derrocada do movimento comunista, característica predominante na desintegração dos países do socialismo real, pode ser vista agora como verdadeiramente trivial sendo que muito foi escrito sobre isto, inclusive por mim; a decisão antimarxista voluntarista, feita pelos bolcheviques, de começar a construção do socialismo num país a que faltavam condições objetivas e subjetivas foi, simplesmente, o pecado original. Contradizia o senso comum. Porém, deve ser dito, a favor de Marx, que já no século anterior ele havia advertido sobre as tristes conseqüências de uma tal conduta – “a mesma merda” voltará com nova forma, dizia. A culpa do que tem ocorrido ultimamente e o colapso atual desta aventura, tem de ser buscada não nele, mas em Lenin e nos bolcheviques, como também em Tkachov, seu verdadeiro pai espiritual. A questão, então, está, em certo sentido, fechada, apesar do desafio de um pequeno grupo “ortodoxo”, que já não tem importância.

A esquerda mundial tem se tornado muito mais sábia apesar do enorme e penoso custo da lição; tem reconhecido o fato de que tudo isso não pode ser ignorado quando refletimos sobre o futuro dos acontecimentos sociais. Seja-nos permitido ter em conta as condições formuladas por Marx e Gramsci, *ad usum* para os construtores do socialismo: um assunto de escassa importância quando alguém está familiarizado com ele, porém, de enorme valor heurístico, quando lembrado. A diretriz prática sobre a questão que nos interessa nos diz que em meio à decadência dos seus fundamentos teóricos e, como conseqüência, ideológicos, o movimento comunista ocidental – e isto é o que estamos discutindo, ainda que deixemos de lado os países da Ásia e o chama-

Diz-se, hoje em dia, que os partidos políticos estão fora de moda, como se nos importasse a própria existência dos partidos em geral. Na verdade, esta opinião se refere aos partidos do passado, inclusive os de esquerda.

do Terceiro Mundo, devido à sua especificidade – não pode ser a força primária que importa, já que ele está demasiado debilitado e comprometido aos olhos do mundo inteiro, para ser capaz de cumprir essa tarefa. O desenrolar dos acontecimentos na Rússia, que se parece cada vez mais com o destino do Chile de Pinochet, enfatiza e torna esta situação ainda mais nítida.

Qual é a condição do setor rival dos comunistas no campo dos movimentos sociais, quer dizer, o setor dos partidos socialistas e social democratas? Aqui, na minha opinião, o estado atual das coisas está ainda mais complicado; estes partidos estão submergindo, cada vez mais profundamente, em uma grande crise causada fundamentalmente, ainda que eu saiba que isto vá parecer um paradoxo, pelo desaparecimento dos movimentos comunistas, cuja existência era um dos princípios de sua formação, como oposição diferenciada. Além das concessões feitas à burguesia e aos seus postulados, este foi o contexto no qual o **Estado de bem estar** emergiu, sem uma resistência maior, como um mostruário que indicasse que se podia fazer mais coisas na esfera social do que dentro da estrutura do comunismo, e que, no curso de tal processo de “adaptação”, estes partidos abandonaram a própria idéia do socialismo, transformando-se, eles mesmos, em partidos liberais. Além do mais, os programas nos obrigam a fazer algo, uma vez que lhes falta qualquer referência ao socialismo e ouvimos do atual presidente da Segunda Internacional – em uma introdução ao novo pro-

grama do Partido Socialista Francês – que não podemos sair do capitalismo. Então só resta a seguinte pergunta: o que é que têm em comum estes partidos com o socialismo? A esquerda sempre pode manter sua natureza, apesar da existência de pontos de vista direitistas, expressos por outros grupos, em temas concretos. Embora esse seja um conceito relativo, é característica da esquerda socialista, possuir, como traço permanente, um programa de que estes partidos, salvo raras exceções, carecem. Esta é a razão pela qual não são capazes de solucionar as tarefas que a esquerda enfrenta neste momento.

Estas são, contudo, só as causas negativas. A questão implica, também, outros aspectos associados ao tipo de tarefas novas a essas que a esquerda enfrenta, e que nesta etapa, requer novas forças sociais e um novo programa de atividade. Diz-se, hoje em dia, que os partidos políticos estão fora de moda, como se nos importasse a própria existência dos partidos em geral. Na verdade, esta opinião se refere aos partidos do passado, inclusive os de esquerda. Desta forma, voltamos ao problema da nova esquerda e da nossa compreensão deste conceito. Para responder a esta pergunta, na minha opinião, há que se ter em conta dois parâmetros:

- a) Com que novos problemas e desafios se defronta a esquerda atualmente?
- b) Quais, em conseqüência, a necessidade de novas forças sociais capazes de solucionar estes desafios?

Afirma-se que o socialismo, como conceito geral, possui conteúdos supra-históricos que podem assumir várias formas, dependendo das condições de cada época. Neste caso, sem dúvida, o socialismo é reduzido a um postulado moral desprovido de uma prática concreta; o que está em jogo são os princípios de igualdade, liberdade e justiça social que vêm da suprema “ceia”, quer dizer, o amor ao próximo. Esta convicção pode ser expressa de outra forma: socialismo implica o postulado da liquidação de todas as formas de ex-

ploração do homem pelo homem. A mesma convicção, porém, colocada de forma mais acadêmica, nos diz que o importante é a liquidação de todas as formas de alienação, objetiva ou subjetiva, do homem como indivíduo social. Uma vez tudo isto entendido, é possível estabelecer uma semelhança entre socialismo e humanismo da seguinte maneira: socialismo = humanismo, ou humanismo = socialismo. Este é o miolo da questão, que pode se manifestar de várias maneiras através da história, mas, que será sempre um processo em constante evolução, nunca realizado até o seu final.

Serve o conhecimento da essência das coisas para algo diverso da especulação filosófica? Sim, claro que sim; precisamente porque o socialismo assume algum tipo de forma historicamente variável e é diferente nas suas manifestações; é por isto que deveríamos nos concentrar na sua essência e não perdermo-nos em um acúmulo de questões historicamente concretas. Ao mesmo tempo, se deveria recordar que esta concretização histórica é necessária para a atividade. Daí a necessidade de refletir sobre os problemas mencionados nos itens a) e b) anteriormente expostos.

Com relação ao ponto a); partimos obviamente dos novos problemas e tarefas que diferenciam a necessidade de reformular o caráter da esquerda contemporânea.

O cristianismo, na sua origem era num certo sentido o socialismo da época da escravidão – tema desenvolvido por Karl Kautsky. De igual forma, as tendências socialistas se manifestavam, na época do feudalismo, nas ideologias das guerras camponesas – citadas por F. Engels – e nos primeiros trabalhos dos socialistas utópicos –, Campanella, Thomas Morus e outros. No capitalismo, o marxismo, como expressão do socialismo proletário, era o cume, ainda que não a única expressão do socialismo. A este respeito, os países altamente desenvolvidos estão passando por mudanças relacionadas com as transformações internas do modo de produção capitalista devido a onda da nova revolução in-

O velho movimento socialista era obrigado a concentrar-se basicamente na luta contra a exploração no trabalho; a tarefa do novo será a organização de um novo tipo de ocupação do trabalho.

dustrial e este é um processo que se encaixa dentro das premissas do marxismo. Estas transformações, que na realidade significam o crepúsculo do capitalismo – um fato do qual a opinião pública não está, ainda consciente – estão acompanhadas por novos problemas sociais e desafios também novos. O problema mais agudo é a diminuição do trabalho, no sentido tradicional da palavra e, como resultado, o desaparecimento do proletariado que hoje já tem assumido, em grande escala, a forma de um desemprego estrutural que cresce vertiginosamente. Este fenômeno produziu um choque nos seus observadores e, ainda que bem formados, incompetentes em termos de tecnologia contemporânea. Frequentemente, esta se ignorando o fato de que os países altamente industrializados estão passando pela experiência não só de uma revolução técnico-científica, mas por uma nova revolução industrial que tem lugar a partir dela e que finca suas raízes na esfera das relações sociais de modo mais profundo do que a produzida anteriormente a partir do século XVIII até o XIX. A ignorância das elites dominantes, real ou fingida, para disfarçar sua fraqueza no sentido de encarar o mal crescente, é muito mais perigosa. Refiro-me não só aos empresários oportunistas e políticos, como também aos influentes líderes sindicais que tentam tratar tudo isto como transitório e prometem uma volta ao pleno emprego. Realmente, este capítulo particular da história – no sentido tradicional desta palavra – está fechado e os homens, ao menos em países altamente de-

envolvidos, se encontram inseridos numa mutação civilizacional que vai de um momento de pleno emprego – entendido como *lohnarbeit* – a outro momento de plena ocupação, junto com as complicações intrínsecas do sistema. Estas mudanças deveriam ser entendidas, ao menos parcialmente, como um movimento em direção à uma economia coletiva – e em certo sentido socialista – um fato que ninguém nem nada pode fazer voltar atrás. Naturalmente este caminho apresenta dificuldades e resistências além de conter lutas inevitáveis. É óbvio que estas lutas demandarão forças que, em um novo sentido, serão de esquerda e deverão tomar nas suas mãos as questões desta transição para dar-lhes uma orientação eficaz e moderada, no interesse do conjunto da sociedade. Pelas várias razões já mencionadas anteriormente, os partidos da velha esquerda são incapazes de enfrentar estes desafios. As novas tarefas reclamam a presença de uma nova esquerda.

Que objetivos temos em mente? Em primeiro lugar estamos envolvidos numa transição social tão dolorosa como possível, desde uma sociedade de trabalho assalariado até a outra de ocupações assalariadas. Os partidos da velha esquerda não poderiam fazer isto? Teoricamente a resposta é sim; porém, a praxis diz que não. E há duas razões para isto. Em primeiro lugar o tradicional ponto de concentração na luta econômica, desses partidos e suas formas de organização, estão experimentando mudanças; o velho movimento socialista era obrigado a concentrar-se basicamente na luta contra a exploração no trabalho; a tarefa do novo será a organização de um novo tipo de ocupação do trabalho. Em outras palavras, isto significará uma mudança radical do trabalho assalariado tradicional para ocupações necessárias e pagas pela sociedade, como professores primários, professores universitários, funcionários, etc. Isto não é, sem dúvida, algo inteiramente novo, porém, o número destas ocupações frequentemente se diferenciara das de hoje, será mais elevado. Qual será exatamente

te a sua natureza? Uma resposta a esta questão não surgirá dos sindicatos ou dos aparatos de partido; esta é uma tarefa que corresponde aos estudiosos, não de uma só classe, mas em geral. Por que então tem de ser destinada a esquerda e não simplesmente as repartições de determinados tipos de ministérios? A razão é que estas questões estimulam uma luta política, ainda que diferente da que estamos sendo testemunhas. Em suma, todas estas questões desencadearão uma luta por uma nova divisão do produto, sem o qual essa mutação não pode ser levada a cabo. Esta contenda se assemelhará à luta de classes contemporânea, porém, seus protagonistas serão diferentes. Novas forças sociais muito mais amplas e diversas a apoiarão. Conseqüentemente, também as formas e maneiras do funcionamento destas novas organizações de esquerda serão alteradas. Como? Não sou profeta, não o sei. É importante, sem dúvida, estarmos atentos às futuras transformações.

Esse é, não obstante, somente o princípio do problema. A esquerda se verá cara a cara com os **quatro** – como mínimo – **cavaleiros do apocalipse**. Somente uma nova esquerda, realmente transformadora será capaz de enfrentar este desafio.

Faço menção aos quatro **cavaleiros do apocalipse** para melhor me referir à origem da metáfora. Acrescentei intencionalmente a expressão “como mínimo” porque, na realidade, há mais do que quatro. Um cavaleiro à mais já tem sido destacado: é o desemprego estrutural, que anuncia uma completa mutação da civilização contemporânea. Começamos por esta questão porque hoje ela tem-se apresentado mais do que nunca e, adicionalmente, é relativamente a mais fácil de compreender no terreno da atividade social. Se a humanidade se vê incapaz de conter a influência deste cavaleiro, então, nós estaremos ameaçados, num futuro próximo, por poderosos transtornos e caos. Este também é um **cavaleiro do apocalipse**. Que me permitem repetir, é somente um entre muitos outros e

***A esquerda se verá cara
a cara com os quatro
– como mínimo –
cavaleiros do apocalipse.
Somente uma nova
esquerda, realmente
transformadora será
capaz de enfrentar
este desafio.***

não o mais ameaçador de todos. Que outros quatro cavaleiros temos em mente?

Falo de quatro ameaças que pesam sobre a humanidade como nuvens de chumbo e que são tão universalmente conhecidas que começamos a nos acostumar com elas, de uma forma psicologicamente perigosa; refiro-me ao perigo de um holocausto atômico, à degradação ecológica do planeta junto com a sua ecosfera, à explosão demográfica, e às relações entre o Norte e o Sul acompanhadas pelo horror de uma destruição, inclusive a morte por fome, de milhões de pessoas do Sul. Estas questões são tão conhecidas e igualmente repetidas que se torna embaraçoso discutir sobre elas uma vez mais e de uma forma que necessariamente deveria ser abreviada. É também de domínio público que se tem falado muito sobre estes temas e que foram feitas inúmeras sugestões (freqüentemente tão impressionantes como a Conferência do Rio de Janeiro) ainda que não se tenha dado um só passo para a sua solução. Com freqüência, a opinião pública desconhece o fato de que o passar do tempo, se não for acompanhado de algumas providências visíveis, deteriora a situação pela intensidade de seus efeitos negativos. No campo mais ameaçador, o atômico, a situação atual ficou mais perigosa do que nunca na história recente, devido à queda da União Soviética.

Muito haveria que dizer sobre este tema, mas deter-me-ei somente em um exemplo simples, um perigo que tem adquirido dimensões globais: a continuação do atual es-

tado de coisas. Aqui não deveria temer a repetição ou ser acusado de banalidade pois o risco existente na renúncia de atuar é muito maior. Ainda que todas estas questões estejam intimamente entrelaçadas e atuem como causas e efeitos mútuos, eu chamaria a atenção sobre uma questão espetacular. O atraso em adotar decisões e iniciativas em relação à catástrofe experimentada pelo Sul, na minha opinião provocará uma explosão que poderá aniquilar a chamada civilização ocidental. Este não é um caso de paranóia ou de minimização da superioridade do Ocidente, em termos de desastre nuclear – inclusive com freqüência escuto, de pessoas bastante tratáveis, o consolo que significa para elas a existência de arsenais para repelir qualquer agressão. Este é um erro de raciocínio; para quem está totalmente desesperado e sem medo de um acidente atômico, nem de suas conseqüências fatais, torna-se tentador usar armas nucleares que pode facilmente obter, devido à desintegração da União Soviética e à perda do controle sobre a disseminação de tal armamento – inclusive o convencional. O Ocidente não recorrerá a este método porque não deseja cometer suicídio. Porém, ainda sem ter que se refugiar do horror, fica óbvio que os prazos se reduzem perigosamente e é necessário atuar rapidamente. Que deveríamos fazer?

Antes de tudo, são necessárias forças sociais adequadas e organizações que sejam capazes de enfrentar uma luta pela consecução destes fins e conseguir uma vitória. Desta forma retornamos ao tema principal de nossas reflexões: a urgente necessidade de uma nova esquerda.

Temos mencionado anteriormente porque as forças existentes, da antiga esquerda, são incapazes de realizar, este desafio. A nova esquerda, se a julgamos dentro destas reflexões, tem que possuir pelo menos três características: em primeiro lugar, uma combinação de valores supra-históricos de cada socialismo para se defrontar com os novos – pelo menos cinco – **cavaleiros do apocalipse**. Em segun-

do lugar, a convicção de que isto será possível somente quando decidirmos trocar o sistema capitalista existente por um pós-capitalismo, o qual implica logicamente uma nova forma de socialismo. Finalmente, a nova esquerda deve unir forças sociais – como, por exemplo, movimentos ecologistas, feministas e juvenis com partidos e movimentos tradicionais – que se movam para a realização de todos ou alguns objetivos anteriormente mencionados e que arrumam os desafios que temos na atualidade. Eu não sou da opinião de que esta união tenha de assumir a forma de um novo partido único –

o qual seria além de tudo impossível – mas de algum tipo de coalizão, federação, etc, dependendo da tradição e história de cada país.

Como se leva isto à prática? Não tenho a resposta e penso que não há uma prescrição geral, nem pode haver. As práticas (e os partidos) tendentes à consecução desses propósitos surgirão da própria praxis. É importante, em todo caso, convencer-se da necessidade de tal atividade, já que esta atitude estimulará e lhe dará uma perspectiva. Não posso dizer muito mais sobre esta questão, que não seja para justificar essas reflexões e dar-lhes sentido. Ob-

viamente, a realização destes planos encontrará numerosos obstáculos e enormes resistências, tendo em conta que os que tradicionalmente se aferram a suas posições desejarão agora defendê-las. Numa situação como esta, toda autoridade se faz arrogante. Possivelmente serão as primeiras catástrofes as que produzirão as esperadas reações sociais. O interesse público exige, pelo menos de nós, que se tente acelerar este processo. Tal meta pode ser conseguida ponderando sobre estas questões, se realmente estamos interessados numa sua futura colocação em prática.